

GRUPO OPERATIVO DE FAMÍLIAS EM CAPS AD III – INTERVENÇÕES COM PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES

Kariny Patrício do Amaral¹; Mariana Farias de Sousa Figueiredo²

¹Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá.

E-mail: karinypatricio@gmail.com

²Psicóloga e Residente pela Escola de Saúde Pública do Ceará.

RESUMO

A saúde mental hoje está atenta ao sujeito que sofre e ao trabalho com ele, de forma que haja uma melhora e autonomia do mesmo, porém, poucas e raras, são as vezes que se considera com mais atenção o que está em volta desse sujeito e as influências que o mesmo sofre. Quando se fala do tratamento do dependente químico, a família por ser a célula base, possui grande influência no tratamento desse usuário, seja de forma positiva ou não. Assim, este trabalho tem por objetivo: Favorecer apoio e assistência profissional aos familiares de usuários do CAPS AD III de Quixeramobim por meio da implementação de um Grupo Operativo. Semanalmente os familiares terão espaço para falarem de suas experiências, bem como partilhar suas vivências, dificuldades e vitórias no acompanhamento aos seus entes. O grupo operativo contará com temas diversos e interdisciplinares, bem como educativos para auxiliar os parentes no entendimento sobre a dependência química, fatores de risco e proteção, psicopatologias, medicalização, abstinência, fissura, recaída e etc. Diante disso, esse projeto espera promover uma convivência mais agradável entre familiar e dependente químico, maior motivação dos pacientes em aderir e permanecer no tratamento, participação maior e mais efetiva dos familiares do usuário no CAPS AD, espaço de abertura maior para educação em Saúde Mental e redução dos índices de recaída. Considera-se, portanto, a urgência da necessidade de trabalho com os familiares dos usuários, tendo em vista o amplo processo que uma dependência química sugere.

Palavras-chave: CAPS AD. Dependente químico. Família.

INTRODUÇÃO

Quando se trata de dependência química, seja álcool ou outras drogas, é importante notar que tal problema nunca vem sozinho. Ou seja, existe uma série de fatores, inclusive sociais, que permeiam esse campo, sendo muitas vezes eles um dos motivos e causa da dependência química, ou ainda, um dos pontos cruciais para a não melhora do tratamento, caracterizando-se como fator de risco. Por outro lado, tais fatores não influenciam só negativamente, mas também carregam pontos positivos, sendo eles fatores de proteção para o indivíduo que busca um tratamento para sua dependência. Um dos fatores básicos e fundamentais nesse processo chama-se núcleo familiar.

A saúde mental hoje está atenta ao sujeito que sofre e o trabalho com ele, de forma que haja uma melhora e autonomia do mesmo, porém, poucas e raras, são as vezes que se considera com mais atenção o que está em volta desse sujeito e as influências que o mesmo sofre. Quando se fala do tratamento do dependente químico, a família por ser a célula base, possui grande influência no tratamento desse usuário, seja de forma positiva ou não. Ela também emite uma demanda de sofrimento e falta de conhecimento em como lidar com tal processo, que não é só do paciente, mas de toda a família.

Tendo em vista o processo psicossocial do usuário do CAPS AD III de Quixeramobim, percebe-se a necessidade de um trabalho com as famílias dos mesmos, visto que, os próprios pacientes em seus relatos trazem essa demanda como fator fundamental no tratamento.

Grande é a luta enfrentada pelos pacientes em relação à sua dependência. Torna-se consciente que é um processo contínuo que dura a vida toda, e a disposição para o tratamento pressupõe uma motivação intrínseca fundamental. Aliada desse processo deve ser a sociedade como um todo, que é uma grande influenciadora. Sociedade essa que se expressa na sua forma mais particular que é a família, e portanto, exerce um poder gigantesco e muitas vezes desconhecido na vida de seus membros.

Assim, é urgentemente necessário considerar esse fator familiar como um grande influenciador no tratamento dos pacientes e buscar formas de intervenção que auxiliem esse processo, produzindo mudanças tanto para o dependente quanto para a família dele.

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS's) como um lugar propício e espaço de trabalho da saúde mental, surgiram em decorrência de um intenso movimento social, que teve por objetivo denunciar as situações precárias que eram desenvolvidas nos hospitais psiquiátricos. Atualmente, são instituições que formam uma estratégia de intervenção após a Reforma Psiquiátrica. Nestes espaços acolhem-se usuários com transtornos mentais, e desenvolvem-se atividades para a reintegração dos mesmos em seu território. As atividades desenvolvidas podem ser individuais ou grupais, e devem ter um fim terapêutico que auxilie o paciente na sua reabilitação social. Dessa forma, são desenvolvidas atividades com os usuários e com familiares, como: oficinas terapêuticas, culturais, atividades de suporte social, psicoterapias individual e grupal, etc (BRASIL, 2014).

Neste trabalho, sugere-se a utilização da Técnica de Grupos Operativos (TGO) como intervenção aos familiares de pessoas com o uso de substâncias psicoativas. Os GO's são uma técnica desenvolvida pelo Argentino Pichon-Rivière, que começou a trabalhar com grupos a partir da influência que os familiares exerciam sobre os seus pacientes. A técnica tem por intuito promover a aprendizagem centrada nos processos grupais, ocorrendo a aprendizagem a partir do contato que é promovido pelo outro, com isso, permite que os participantes compartilhem experiências semelhantes, auxiliando em um ambiente acolhedor, o que também favorece a psicoterapia alternativa. Em um grupo operativo existem dois tipos de atividades: a tarefa explícita que vai tratar sobre a aprendizagem e o diagnóstico, onde será apresentado o objetivo daquele grupo, e a tarefa implícita, que é o modo como cada integrante vivencia o seu papel no grupo (BASTOS, 2010).

Rivière (2005) propõe que aprendizagem deva ser sinônimo de mudança e vislumbra que a técnica é centrada em uma tarefa, e que o mesmo é restrito a um número de pessoas que buscam um objetivo comum. Através de um grupo pode-se promover a aprendizagem, o pensar dos participantes e por meio disso os participantes aprenderem a ressignificar suas sensações, emoções e pensamentos.

Nascimento e Galindo (2017) afirmam que a utilização dos Grupos Operativos nos CAPS's se configura como uma estratégia que pode contribuir na autonomia dos sujeitos, os favorecendo em uma postura crítica e analítica da realidade que estão envolvidos.

Assim, este trabalho tem por objetivo: Favorecer apoio e assistência profissional aos familiares de usuários do CAPS AD III de Quixeramobim por meio da implementação de um Grupo Operativo. E tem como objetivos específicos: 1) Escutar a demanda de sofrimento dos parentes advinda da dependência do seu familiar; 2) Dar suporte educativo aos parentes que convivem na mesma casa dos usuários; 3) Ajudar no tratamento dos usuários pela formação de vínculos familiares.

METODOLOGIA

O grupo operativo das famílias dos usuários funcionará seguindo no mesmo molde dos demais grupos que funcionam no CAPS AD III. Ele acontecerá sempre às segundas-feiras 09:00 hs da manhã no próprio CAPS. Isso porque no mesmo dia e horário funciona um outro grupo operativo com os usuários, e por ser um grupo fixo e sólido, o convite que se faz é que as famílias participem do grupo próprio, concomitantemente aos pacientes, produzindo já aí significado no tratamento por meio da vinculação.

O CAPS AD articulará em seu calendário anual um rodízio de profissionais que já atuam nos grupos para facilitarem e conduzirem o grupo familiar.

Semanalmente os familiares terão espaço para falarem de suas experiências, bem como partilhar suas vivências, dificuldades e vitórias no acompanhamento aos seus entes. O grupo operativo contará com temas diversos e interdisciplinares, bem como educativos para auxiliar os parentes no entendimento sobre a dependência química, fatores de risco e proteção, psicopatologias, medicalização, abstinência, fissura, recaída e etc.

Os recursos necessários serão materiais já existentes no CAPS AD que irão variar dependendo das atividades e oficinas planejadas pelos profissionais. Poderão se utilizar de papel, lápis, canetas, lápis de cor, balões, data show e caixa de som. Reiterando que todos os materiais já fazem parte da rotina dos materiais que o CAPS AD dispõe, portanto, não havendo custo algum além do já proveniente.

O monitoramento e avaliação serão feitos pela equipe multiprofissional do CAPS AD de acordo com as evoluções dos prontuários, bem como a vivência e relatos das famílias no decorrer dos grupos e diante dos estudos de caso trabalhados pela equipe. E, ainda, será pauta nas reuniões de planejamento e avaliação ao longo do ano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Minuchin (1982) traz a ideia de que o grupo familiar é compreendido como “um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem”. Assim, cada grupo age de forma singular, uma vez que sua participação na vida do usuário de álcool e outras drogas podem gerar efeitos positivos ou nocivos aos mesmos, fatores estes que variam de acordo com o membro da família e o papel que o mesmo desenvolve para e em favor ao sujeito.

Schenker e Minayo (2004) relatam que, apesar da família ter forte influência na vida destes sujeitos de forma geral, há uma maior importância na participação desta conjuntura familiar para os usuários adolescentes. Isto porque sua relação com o meio, seja seus parentes próximos, par, ou grupo de amigos, pode gerar situações saudáveis ou adoecidas, em que diz respeito a este último, existe a possibilidade da procura do jovem pelas drogas. Ainda de acordo com os autores, há estudos que comprovam a diminuição da quantidade de drogas consumidas pelos jovens após a Terapia de Família e Individual Combinada que por sua vez envolve treinamentos de habilidades e educação nas atividades de grupo.

Em uma entrevista realizada com alguns profissionais psicólogos que atuam ou atuaram pelo menos dois anos na área de dependência química, afirmam que há uma melhora satisfatória na vida destas pessoas dependentes, desde que haja uma parceria no tratamento e apoio de seus familiares. Os psicólogos criaram subtemas: forma da escuta, disponibilidade, não boicote, motivação ao paciente, percepção da dificuldade e busca por tratamento. Estes pontos, quando trabalhados em conjunto, fortalece os vínculos afetivos, estreitando assim os laços familiares. Em continuidade, os psicólogos notam o problema de forma integrada, afirmam que os

familiares também chegam doentes (vínculos fragilizados), e é preciso que haja um processo terapêutico. (HERZOG e WENDLING, 2013).

Dentro das conjunturas familiares pode-se observar diversos sistemas que se interligam com os demais. São carregadas de fatores sociais, os quais diferem um dos outros, cada família com seus hábitos, crenças e costumes, por sua vez, a influência familiar junto ao dependente químico dependerá diretamente da subjetividade da mesma. (ANDOLFI, ÂNGELO, MENGHI, & NICOLO-CORIGLIANO, 1984).

Diante disso, esse projeto espera promover uma convivência mais agradável entre familiar e dependente químico, maior motivação dos pacientes em aderir e permanecer no tratamento, participação maior e mais efetiva dos familiares do usuário no CAPS AD, espaço de abertura maior para educação em Saúde Mental e redução dos índices de recaída.

CONCLUSÕES

Considera-se, portanto, a urgência da necessidade de trabalho com os familiares dos usuários, tendo em vista o amplo processo que uma dependência química sugere. Sabendo que há consciência por parte dos profissionais, é preciso dedicar atenção e tempo maior para tal demanda que o próprio serviço já recebe e percebe como necessária. Assim, o CAPS AD como instituição psicossocial estará cumprindo muito melhor seu dever como local de políticas sociais, e favorecerá em todos os aspectos o tratamento de saúde mental para pessoas dependentes em álcool e outras drogas, atingindo parentes, usuários e porque não dizer, os próprios profissionais envolvidos.

REFERÊNCIAS

ANDOLFI, M., ÂNGELO, C., MENGHI, P., & NICOLO-CORIGLIANO. A provocação como intervenção terapêutica. In M. ANDOLFI, C. ANGELO, P. MENGHI & A. NICOLO-CORIGLIANO (Orgs.), Por trás da máscara familiar: Um novo enfoque em terapia da família (pp. 48-68). Porto Alegre: Artes Médicas. 1984.

BASTOS, A. B. B. I. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. **Psicol inf. [online]**. 2010, v.14, n.14, p. 160-169. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoinfo/v14n14/v14n14a10.pdf>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2019.

BRASIL. M. da S. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Brasília: Ministério da Saúde.2004. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/manual_caps.pdf>. Acesso em 11 de fevereiro de 2019.

HERZOG, A.; WENDLING, M. Percepções de psicólogos sobre os familiares durante o tratamento de dependentes químicos. **Aletheia**, Canoas, n. 42, p. 23-38, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 de fevereiro de 2019.

MINUCHIN, S. **Famílias: Funcionamento e Tratamento**. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 1982.

NASCIMENTO, T. M do; GALINDO, W. C. M. Grupo Operativo em Centros de Atenção Psicossocial na opinião de psicólogos. **Pesqui. prá. Psicossociais**. 2017. v.12, n.2, São João

del-Rei. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200013>. Acesso em 11 de fevereiro de 2019.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. Trad. Marcos Aurélio Fernandes Veloso e Maria Stela Gonçalves São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas: uma revisão da literatura. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 649-659, junho de 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102

311X2004000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16 de fevereiro de 2019.